

A REPRESENTAÇÃO DO POBRE EM *ESTIVE EM LISBOA E LEMBREI DE VOCÊ*

Débora Luíza Martins de Almeida¹; Inara Gomes Ribeiro²

¹Estudante de Letras - Língua Portuguesa - CAC – UFPE; E-mail: deboramdea@live.com

²Docente/pesquisador do Depto de Letras– CAC – UFPE. E-mail: inaragomes07@hotmail.com

Sumário: Neste trabalho, objetivamos investigar como se dá a representação da identidade do pobre na narrativa *Estive em Lisboa e lembrei de você*, de Luiz Ruffato. Para tanto, discutimos a relação dialógica entre as posições discursivas dos sujeitos ficcionais e o modo como as identidades sociais se compõem, e recompõem, por meio da interação discursiva. Nossa análise foi realizada sob uma perspectiva teórico-metodológica que possibilitou um diálogo entre crítica literária e sociologia, seguindo a perspectiva de Antonio Candido (2006), quando ele propõe uma homologia entre a série literária e a série social. Desse modo, a obra de Mikhail Bakhtin (2002, 2003) orienta a compreensão da constituição sociodiscursiva do sujeito, enquanto que as de Sérgio Buarque de Holanda (1995, 2012) e de Jessé de Souza (2009) fornecem base conceitual para a discussão sobre a formação histórica da estrutura de classes no Brasil.

Palavras-chave: *Estive em Lisboa e lembrei de você*; literatura contemporânea; Luiz Ruffato; pobre na literatura

INTRODUÇÃO

Discutir a representação literária do pobre, sua consciência de classe e o modo como seu discurso em interação com o outro se forma, contribui para uma reflexão que busca compreender a literatura contemporânea e a maneira como as vozes sociais e culturais são representadas nela. De maneira geral, a obra de Luiz Ruffato apresenta personagens que representam as camadas populares da nossa sociedade. O autor procura privilegiar o ponto de vista do pobre a partir da sua própria voz, da enunciação de seu desejo de ascensão social, seja por meio do trabalho seja pelo sonho com uma reviravolta do destino. *Estive em Lisboa e lembrei de você* é a história de Sérgio, mineiro de Cataguases, desempregado e com baixa escolaridade, que se torna um imigrante brasileiro ao partir para Lisboa à procura de uma vida mais promissora. Mesmo sendo integrante da classe pobre, ele busca distinguir-se socialmente, uma vez que não se identifica com aqueles que, como ele, fazem parte das camadas sociais de base. Partimos da ideia de que o pobre, no romance Ruffato, é retratado discursivamente, ou seja, sua realidade é materializada por meio das ideias-vozes do e sobre o pobre. Para dar suporte teórico a nossa pesquisa, nos apoiamos nas proposições de Jessé de Souza (2009), Sérgio Buarque de Holanda (1995, 2012), Antonio Candido (2006) e Mikhail Bakhtin (2002, 2003). Cada um destes autores nos deu condições para desenvolver nossa análise sob uma perspectiva teórico-metodológica que possibilita um diálogo entre crítica literária e sociologia. De acordo com Candido (2006), a análise do texto literário só poderá ser realizada de modo eficaz quando parte da premissa de que texto e contexto se misturam em uma interpretação dialética. Sendo assim, as obras de Holanda (1995, 2012) e de Souza (2009) nos permitem compreender certas condicionantes histórico-sociais – os fatores externos que se organizam literariamente –, enquanto que as de Bakhtin (2002, 2003) nos dão instrumentos para abordar a materialidade do texto no que diz respeito à constituição discursiva do eu e do outro por meio de suas relações dialógicas.

MATERIAIS E MÉTODOS

A fundamentação teórico-metodológica está ancorada na concepção dialógica da linguagem do romance, de Bakhtin (2002, 2008), e no pressuposto da homologia entre série literária e série social, de acordo com Antonio Candido (2006). Para a compreensão dos aspectos sociológicos, valemo-nos de obras que procuram explicar a formação do Brasil no que se refere às diferenças de classes e, particularmente, a realidade da classe pobre. Por isto nos ancoramos nas teses de Jessé de Souza (2009) e Sérgio Buarque de Holanda (1995, 2012). Foram realizadas leituras auxiliares a exemplo de Ivo (2008) e Schollhammer (2011). Estes autores contribuíram para que, por um lado, compreendêssemos como está descrita sociologicamente a figura do pobre sob a perspectiva de Georg Simmel e, por outro, como a literatura contemporânea brasileira tem tratado representativamente o pobre e o seu cenário de precariedade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na obra analisada, lemos o relato, supostamente recolhido pelo autor, de um operário que, aos 30 anos, se vê sem emprego e sem perspectivas de melhora da sua condição socioeconômica. Influenciado por diversas circunstâncias, Sérgio se propõe a buscar uma saída para sua vida que, aos poucos, parece prendê-lo ao fracasso. A solução encontrada pelo personagem, como uma possibilidade de mudança do seu destino, é emigrar para Portugal em busca de prosperidade. O que nos chama a atenção em toda a narrativa é o modo como o desejo de Sérgio de tornar-se alguém notável é determinado pelo discurso do outro: sua decisão de ir "pro estrangeiro" é forjada numa mesa de bar e ele só a mantém, malgrado seu medo do desconhecido e sua natureza pouco empreendedora, porque, com essa decisão, passa a receber demonstrações de apreço e admiração que alimentam um sentimento de superioridade. Com o projeto da viagem, vê-se a materialização dos valores de uma classe social, que passa a ver em Serginho um herói, enquanto que este vê a oportunidade de fazer os residentes de Taquara Preta reconhecerem o verdadeiro valor de Sérgio Souza Sampaio. Embora um seu conhecido afirme que, depois de conviver com a "alta cultura", Serginho não conseguirá aturar o povo "desclassificado" de Taquara Preta, seu objetivo é voltar "por-cima-da-carne-seca" e viver "de papo-pro-ar". O personagem principal estabelece vínculos diretos com personagens de *status* sociais relativamente distintos, mas costuma denominar os mais destituídos – os seus iguais – de “ralé”, “escória” e “pobres coitados”. Por esse motivo consideramos que Serginho não é dotado de uma consciência de classe e que é apenas um reprodutor dos discursos que permeiam suas relações. Assim como as relações de amizade, o círculo familiar também exerce bastante influência sobre o personagem. Ao longo da narrativa, Sérgio relata com muita nostalgia a importância de manter-se em Lisboa até que sua meta de garantir um bom sustento para si e para seu filho seja alcançada. Isto para não envergonhar a memória dos seus pais ou para não faltar com o auxílio enviado ao filho Pierre. O desejo de ser “alguém na vida” é também para que o filho tenha em quem se espelhar e de quem se orgulhar, para que possa buscar também seguir os passos do pai. Nesse sentido, cremos que a perspectiva do personagem corrobora as colocações feitas por Souza (2009) a respeito dos núcleos familiares brasileiros. Para o autor, estes núcleos seriam os centros de reprodução dos discursos de ascensão e busca pelo melhor lugar na sociedade. Souza acredita que o círculo familiar é essencial para que o ideal de vida burguês, ou da classe média, seja reproduzido em larga escala. Por outro lado, ainda segundo Souza, esse ideal está fundado no espírito moderno da meritocracia, que vicejou em nossa sociedade. Souza diz que para o estabelecimento de tal ideologia é preciso separar o indivíduo do seu grupo social. Nesse sentido, compreende-se que todo fato social contribuirá para a formação de indivíduos

fadados ao sucesso ou ao fracasso. Portanto, se os indivíduos em uma sociedade são bem sucedidos em suas metas, isto se deve exclusivamente às habilidades individuais dele. As características do Homem Cordial (individualismo, autocomplacência, personalismo), somadas ao ideal moderno da meritocracia, proporcionaram à sociedade brasileira uma marginalização massiva da classe pobre, colocando-a como incapaz de alcançar seu sucesso econômico. O pobre é colocado no esquecimento e a culpa pelo seu fracasso social é atribuída somente a ele, uma vez que o discurso meritocrático prega a existência de oportunidades iguais para todos, quando sabemos que não é o que ocorre no Brasil graças a sua colonização marcada, desde o princípio, pela desigualdade entre classes. O sociólogo supõe que o modo como se constitui a identidade nacional brasileira pode ser considerado como uma justificativa para a dificuldade enfrentada pela nossa sociedade em propagar um sentimento de coletividade que esteja acima do individualismo, do desejo de ter para si o modo de vida do grande senhor rural. Por causa disto, o autor assegura que a capacidade de sobrepor o coletivismo à individualidade é o grande diferencial das nações que conseguiram desenvolver uma identidade nacional sólida, que sobrevive aos tempos de crise. Seria, portanto, a constituição e a propagação de um imaginário social coletivo sólido que garantiria a sobrevivência e solidificação de um povo. O objetivo de Serginho de superar as adversidades da vida de imigrante e retornar para levar uma vida boa – mas que não exija grande esforço – representa, para nós, um reflexo da busca pela chamada “Vida do Grande Senhor” à qual Holanda se refere ao defender a tese do Homem Cordial. No processo da formação social brasileira, um fator de destaque social era exercer uma atividade profissional que não estivesse relacionada às atividades físicas. Valorizava-se muito o trabalho mental, isto porque ele não remetia a nenhuma atividade anteriormente exercida por trabalhadores livres ou escravos do passado colonial brasileiro (HOLANDA, 1995, p. 83). O padrão de vida almejado por Serginho significa a obtenção de regalias, dentre as quais o ócio é considerado o eixo para a consolidação de uma vida confortável. Serginho deseja ser visto pelos outros como aquele que foi à procura do sucesso, alcançou-o, retornou às suas origens e vive sua vida de grande senhor. Dessa maneira, Sérgio teria adquirido seu título de distinção e poderia ser considerado, finalmente, "Dr. Sérgio". Serginho chega ao fim do seu relato falando a respeito de uma tomada de atitude relativamente inesperada: a retomada do cigarro. De certa forma, isso nos conduz a pensar sobre o surgimento mínimo de uma autonomia do protagonista. Até o momento da entrada na tabacaria, Sérgio sempre conteve seu desejo pelo fumo em memória à alegria do Dr. Fernando, que acreditava que seu método era realmente eficaz graças a Sérgio. Retomar o fumo, na concepção do Serginho que inicia a aventura em Cataguases, seria admitir o fracasso que os outros lhe atribuíam. Ao concluir sua narrativa assumindo a retomada do seu velho hábito, ou vício, Serginho faz-nos crer que as intempéries da jornada foram transformadoras, de que, talvez, isso represente uma forma de não sujeição ao desejo do outro.

CONCLUSÕES

Estamos de acordo com Candido (2006) quando ele afirma que, ao analisar o texto literário, devemos tomar como ponto de partida o modo como texto e contexto se misturam em uma interpretação dialética na obra analisada (p.13). Isso por considerarmos que o escritor, ao compor sua obra, está influenciado pelos elementos externos ao seu fazer literário e que estes não podem ser dissociados da representação do real que o autor se propõe a realizar.

Por esse motivo, nosso trabalho recorre a pressupostos teóricos, sobretudo da crítica literária e da sociologia, no intento de relacionar os conceitos propostos por esses eixos de estudo com a representação do pobre feita por Ruffato em *Estive em Lisboa e*

lembrei de você. Como consequência disso, temos neste trabalho um ponto de vista sobre o modo como as questões de identidade de classe social do pobre e do discurso a respeito dele se constroem e se reproduzem na narrativa supracitada. A partir da nossa análise, observamos que o deslocamento do protagonista por diferentes espaços sociais impacta diretamente na construção e reconstrução do seu discurso a respeito da sua identidade e na maneira como ele se relaciona e interage com diversos tipos de personagens que contribuem para sua formação.

Por fim, Sérgio volta a fumar. Para nós essa atitude simboliza o princípio do surgimento de uma autonomia (ainda inconsciente) sobre suas atitudes e decisões que, agora, estão sendo um pouco menos influenciadas pelo outro. Consideramos, desta maneira, que o Serginho que principia a narrativa de *Estive em Lisboa e lembrei de você* transforma-se em outro Sérgio, não por ter alcançado o reconhecimento social e sucesso financeiro desejados, mas por ter se tornado, graças às circunstâncias da sua trajetória e deslocamento, alguém que aos poucos se descobre independente do outro.

AGRADECIMENTOS

À Inara Gomes por ter me recebido em seu projeto de pesquisa e por fazer com que minha escrita fosse melhorada, que minha leitura fosse direcionada aos propósitos da pesquisa e por me apresentar Luiz Ruffato e sua literatura. Ao CNPq pelos recursos investidos na pesquisa. Gratidão.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- _____. *Estética da criação verbal*. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003 – (Coleção biblioteca universal).
- CANDIDO, A. *Crítica e Sociologia*. Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária. 10ª. Edição revista pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- DOSTOIÉVSKI, F. *Memórias do subsolo*. Tradução, prefácio e notas de Boris Schnaiderman. São Paulo: Editora 34, 2009 (6ª edição).
- HOLANDA, S. B. *Raízes do Brasil*. - 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- _____. *O homem cordial*. Seleção de Lilia Moritz Schwarcz. 1ª ed. – São Paulo: PenguinClassics Companhia das Letras, 2012.
- IVO, Anete B. L., *Georg Simmel e a sociologia da pobreza*. Cad. CRH vol.21 no.52 Salvador Jan./Apr. 2008.
- MORSON, G. S., EMERSON. C. *Mikhail Bakhtin: criação de uma prosaística*. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
- RUFFATO, L. *Estive em Lisboa e lembrei de você*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- SCHØLLHAMMER, K. E. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- SOUZA, J. *Ralé brasileira: quem é e como vive*. Colaboradores André Grillo et. al. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.